



ISSN: 2595-5713

Vol. 01 | Nº. 01 | Ano 2018

**Mahfouz Ag Adnane**

# CADA DIA O HOMEM MODERNO ARRANCA UM POUCO DO TETO DO UNIVERSO: poéticas de resistência Kel Tamacheque no movimento cultural Techúmara (1902 a 1963)

EVERY DAY MODERN MAN RAVAGES A LITTLE FROM THE ROOF OF THE  
UNIVERSE: poetics of resistance in the Kel Tamasheq cultural movement  
Teshumara (1902 to 1963)

**RESUMO:** Este artigo focaliza nas raízes históricas de situações emblemáticas da história colonial que conheceu a sociedade saelosaariana KelTamasheque (tamasheq, tamajaq, tamahaq segundo as variações de seus diferentes falares). A metodologia baseia-se em pesquisa documental e análise de um *corpus* textos de músicas produzidas pelo movimento cultural dos Ichúmar ou Techúmara, no bojo de sua luta por autonomia no Mali e Níger desde 1960. Este movimento é herdeiro de lutas de resistências contra a ocupação colonial a qual levou à perda de autonomia política, dificultou a vida nômade e levou ao empobrecimento devido à grande mudança econômica e política. A análise do *corpus* das canções trabalha a relação entre os textos das músicas e os eventos históricos a eles referidos. As canções permitem apreender a (re)construção do conceito de *tumast* (nação sociológica) entre mobilidade e exílio pós-coloniais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tamacheque; Tuaregue; Saara; Música Africana; Resistência Cultural.

**ABSTRACT:** This article focuses on the historical roots of emblematic situations of KelTamasheq (tamajaq, tamahaq according to the variations of its different phrases) colonial history. The methodology is based on documentary research and analysis of *corpus* texts of songs produced by the Techúmara cultural movement, in the context of their struggle for autonomy since the 1960s in Mali and Niger. This movement is inherited from a series of resistance processes against colonial occupation which led to the loss of political autonomy, hampered the nomadic life and led to impoverishment due to the great economic and political changes. The focus of analysis is the relation between the songs and the historical events referred to them. The songs allow us to apprehend the (re)construction of the concept of *tumast* (sociological nation) amid a process of postcolonial mobility and exile of the 1960s.

**KEYWORDS:** Tamasheq music; Tuareg; Sahara; African music; Cultural Resistance.

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Marcos Carvalho Lopes  
[marcosclopes@unilab.edu.br](mailto:marcosclopes@unilab.edu.br)

# CADA DIA O HOMEM MODERNO ARRANCA UM POUCO DO TETO DO UNIVERSO: poéticas de resistência Kel Tamacheque no movimento cultural Techúmara (1902 a 1963)

Mahfouz Ag Adnane<sup>1</sup>

## Introdução: das sombras sobre o Saara

As sombras dos nômades desertam os acampamentos...  
 Eles partiram calçados de brasa  
 em busca de sonhos esgotados no caminho do exílio  
 Um pilar do mundo desmorona sobre as cidades  
 Cada dia o homem moderno arranca um pouco do teto do  
 universo como a criança que escava a areia sob seu castelo  
 E caem perdidas nas cinzas estéreis,  
 as sementes de uma outra verdade

Mahmoudan Hawad, 1987<sup>2</sup>

É no contexto da história cultural e política africana do século XX que este estudo se desenvolve, atentando particularmente para a temática da fragmentação do Saara e Sael na construção dos atuais Estados nacionais da África do Oeste e do Norte. Sombras nômades, diz o poeta tamacheque da região do Aïr, desertam seu modo de vida depois de se ver arrancado pelo colonizador, o *homem moderno* do poema de Hawad, *o teto de seu universo*. O estabelecimento das fronteiras administrativas coloniais afetou de forma decisiva os pilares econômicos, geográficos, sociais e simbólicos da sociedade Kel Tamacheque cuja marginalização cultural, econômica e política forma o cerne das temáticas das canções discutidas neste artigo. Estas canções nasceram em meio à migração e exílio colonial e pós-colonial, situações intensificadas por repressões após revoltas ou recusas à submissão. Após a independência do Mali uma grande repressão foi realizada pelos novos dirigentes em 1963-1964, levando ao exílio uma parte da juventude em luta por emancipação - denominada *alfillaga* - que, posteriormente assumiu características de um movimento cultural de resistência conhecido como techúmara na década de 1980. A temática inscreve-se, portanto, em um conjunto de questões suscitadas pela descolonização - que afetou profundamente a sociedade Kel Tamacheque -, marcada seja por um sistema de poder centralizado, percebido como exógeno, seja por formas de racionalidade administrativa e econômica instalada desde a agressão colonial, mas que foi reafirmada e até intensificada pelos governos do Mali e Níger.

<sup>1</sup> Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pesquisador da Casa das Áfricas, núcleo Amanar e do CECAFRO-PUC/SP. Contato: tidjefene@gmail.com

<sup>2</sup> Poema traduzido pelo autor da versão em língua francesa.

Embora se identificando como uma nação, *tumast*, a população está dividida, desde as independências, no Mali e Níger principalmente, mas também na Argélia, na Líbia e no Burquina-Faso. O conceito de *tumast* conota, sobretudo, um sentimento de “pertença” a partir de narrativas que reivindicam uma ancestralidade comum, assim como um modo de vida, um espaço territorial saelo-saariano no qual diferentes linhagens e federações praticam um modo de vida que combina o nomadismo, a pastorícia e a agricultura (sobretudo os oásis e *ueds*, “*tiyaraten* ou *tilawaten* & *ighichran* ou *iradjan etiferwen*”<sup>3</sup>). Entendo, então, que o nome Kel Tamacheque faz referência a um vasto conjunto composto de unidades políticas plurais com diversas formações que são unidades políticas, ou grupos, conhecidas como confederações (*tiwšaten*), termo muitas vezes incorretamente traduzido por tribo. Moraes Farias (2010) observa o equívoco de se utilizar este termo redutor para denominar os que descendem de um ancestral comum, que criam, muitas vezes, conjuntos, afirmando que prefere a tradução (ainda que aproximada) de “confederações” (*tewšaten* / *tawšit* no singular) ou “grupos do tambor” (*ettebel*). Mohamed Ali Ag Attaher - amenokal ou líder da resistência anticolonial que viveu exilado no Marrocos, onde faleceu em 1994 -, afirmou que, anteriormente à ocupação colonial francesa, os Kel Tamacheque formavam uma *tumast*, isto é, uma nação.

A problemática política e social que marca a sociedade Kel Tamacheque que no final do século XIX vincula-se à agressão de seus territórios que se viu invadido pela França. Sua história desde então ficou marcada pela fragmentação territorial por imposição exógena e à marginalização econômica, cultural e social que se perpetuou sob os estados nacionais. Seus territórios foram, ao longo da primeira metade do século XX sendo fragmento administrativamente e, com as independências, ficou cindido por fronteiras de cinco novos Estados. Ou seja, o espaço cultural e territorial Kel Tamacheque se viu política e economicamente subordinado a capitais distantes, governados por lideranças de culturas desconhecidas em cada um dos países: Argélia, Mali, Níger, Burquina Faso e Líbia. Esta é a base de inúmeras revoltas e eclosões de resistências, inclusive culturais como a Techúmara - com a música da juventude *ichúmar* - aqui estudada.

Desde o período colonial, os Kel Tamacheque fizeram sentir sua resistência por meio de luta armada e por resistência cultural e indenitária. Tornaram-se conhecidos, pelos europeus, como guerreiros insubmissos aos quais muitas estereótipias foram sendo atribuídas. A colonialidade (QUIJANO, 1994, 2005) - conceito que vai além da história colonial - deixou seus traços nas práticas sociais contemporâneas. A partir de 1960, sob a condução dos governos dos novos países, as revoltas, rebeliões e resistência cultural foram expressões que se renovaram continuamente. Na perspectiva de parte significativa da sociedade tamacheque e mesmo segundo

---

<sup>3</sup> Segundo as regiões tamacheque, Kel Timbuctu, Kel Gawa, Kel Ahaggar e Kel Air.

autores como Baz Lecocq (2010, p. 29), formaram-se duas nações no Mali: a nação malinesa legitimada pelo colonizador francês e a *tumast* tamacheque que se via reunida na proposta das populações do norte (Tamacheque, Moura, Songhai, Arma e Fula) que apoiaram a criação em 1957 da Organização Comum das Regiões Saarianas, evidenciando a marginalização da população desta região no processo político das independências (BOILEY, 1999; POULTON; AG YOUSOUF, 1998).

A descolonização cultural e política tardia anima grande parte das composições que analiso, consideradas como expressão literária de uma parte da juventude Tamacheque dos anos 1960 e como fontes para a abordagem histórica. A discussão decorre, portanto, sobre uma cultura que conheceu a colonização francesa<sup>4</sup> (1893/4 -1960) e em seguida à independência e a criação do Estado do Mali, viu-se politicamente e economicamente subordinada a outro centro de poder exógeno (desde 1960). Nesses dois períodos os Kel Tamacheque fizeram sentir sua resistência (*zemmer*) pela luta armada e pela resistência por meio de suas formas expressivas mais significativas. A partir de 1960, sob a condução dos governos dos novos países, as revoltas, rebeliões e resistência cultural foram expressões que se renovaram. Tornaram-se conhecidos como guerreiros aos quais muitas estereotípias foram se sobrepondo. Resistir tornou-se um exercício coletivo e uma forma de saber incorporado, passou a declarar-se em poesias, canções, provérbios e nas dramatizações que ocorrem nos encontros intercomunitários. Assim, no movimento intenso de transformação surgiram novas formas de expressão estética, artística e política.

Kimba Idrissa (1994), afirmou que as resistências anticoloniais no oeste do Níger em 1905-1906 colocaram a questão da consciência política e social de populações que se revoltam e se organizam contra o colonizador. O território tamacheque foi campo de disputas de potência coloniais, mas as expedições coloniais francesas, seguidas de intensa discussão e negociações, levaram ao domínio francês que se fez com incursões fortemente armadas e cometeu numerosas razias e violações desde o início. Alexander Neumann (2012) afirma que é um conceito sociologicamente vivo mesmo que tenha ficado no campo acadêmico, associado “a fenômenos pré-modernos, a obstinações reacionárias ou um avatar sem futuro do marxismo doutrinário” (NEUMANN, 2012, *online*). Ela se ergue em iniciativas, formas de recusa e de enfrentamento do exercício do domínio territorial, político, econômico, administrativo e cultural que têm buscado impor mudanças do modo de vida e de suas formas de construir sentidos. A resistência (fragmentada, fugaz, organizada ou persistente) é uma dimensão unificadora dentro da enorme

---

<sup>4</sup> De 1894 (ano da tomada de Timbuctu) a partir de qual uma série de batalhas serão favoráveis à França e 1960, ano em que os Kel Tamacheque se viram divididos em cinco estados independentes. Cabe ressaltar que essa ocupação ocorreu em duas frentes: uma vinda pelo norte, desde Argel e, outro vindo do oeste, a partir da costa senegalesa e da Mauritânia.

diversidade política do mundo tamacheque, cunhando instrumentos de reflexão, de construção de memória coletiva e de ação que são formas inventivas de se recriar coletivamente a própria territorialidade, alianças, linguagens e identidades. a noção de resistência - e seu debate em contextos africanos - adquire grande importância. A poética musical, enquanto manifestação da palavra tamacheque, são aqui estudados no movimento da história político-cultural de produção e transmissão do pensamento tamacheque no Saara do Mali e Níger. Isto se faz em pleno movimento de autorreflexão, de construção de si para que *as sombras dos nômades* evocadas por Mahmoudan Hawad repovoem seus acampamentos e seus destinos. O conceito de resistência na produção criativa e cultural, trabalhado por Marwan Hamdan, revela valores humanos e a poética como forma expressiva fundamental para criar sentidos e operar resistência à ocupação territorial (HAMDAN, 2016, p.171) e aos poderes que se moldam na sociedade para a efetivação da opressão. Assim, pode-se argumentar que para a juventude da Techúmara, como em outras situações de opressão extrema, existe uma “relação integral entre resistência armada e literatura de resistência”, segundo Barbara Harlow (1987, p. 10). A noção de resistência está aqui vinculada à recusa da ruptura das trocas de experiências, do apagamento da memória, do declínio do acesso à auto narração e da perda do sentido da história.

Neste texto, trabalho temáticas políticas da poética do movimento cultural *Ichúmar* (cuja emergência se fez na experiência do exílio que se seguiu às rebeliões tamacheque), recuperando, sempre que possível, as canções que evocam os momentos simbolicamente fortes da história contemporânea tamacheque. Trata-se de movimento de resistência cultural e de luta identitária, considerada como direito fundamental, que têm como raízes as revoltas contra a ocupação francesa que ocorreram entre 1916 e 1959, e posteriormente, contra a opressão do Estado pós-colonial desde 1963 a nossos dias. Revoltas e rebeliões contra a os Estados pós-coloniais nos quais se tornaram minoria e sentiram marginalizados, notadamente, no Mali e no Níger. Essa opressão que provoca, na percepção desse movimento musical do exílio, um entendimento de que houve recusa de reconhecimento do modo de vida nômade, da identidade e da cultura tamacheque e, também, ausência de investimento para o desenvolvimento social e econômico regional.

Compreendo que a produção poética da música da juventude tamacheque evoca - do interior dos fenômenos históricos vividos - um processo de mudança que se entrelaça a componentes culturais e expressivos diversos - a música tradicional do *tende* e prática do *imzad* (respectivamente, ritmo e instrumento tradicional), os ritmos do norte do continente africanos e o *rock and roll* dos anos 1950 dos EUA (com os quais os entram em contato no exílio). Sua música permanece expressão cultural aberta, sobretudo nesses contextos de exílio. Desta forma, a análise do corpus das canções se faz em dois movimentos complementares: um histórico em que busco a

relação entre as músicas e os eventos históricos que marcaram a vida dos Kel Tamacheque no período estudado, outro temático no qual a análise recai sobre: apelo à luta e à união, a nostalgia, a solidão do exílio, o amor ao deserto e, o apego à cultura e à língua. Na discussão temáticas para análise, destaco momentos históricos fundamentais da sociedade tamacheque no Mali e Níger, a saber: *Resistências anticoloniais tamacheque*; *Mohamed Ali Ag Attaher Al-Ansari, cultura e educação na resistência tamacheque*; *Resistência política no Níger: Mano Dayak, um intelectual da diáspora*; *1963: a revolta e o exílio na gênese do movimento Techúmara*; *Nostalgia e solidão nas canções de exílio*.

### **Resistências anticoloniais tamacheque**

Poucos anos antes da Primeira Guerra Mundial, o mundo Tamacheque foi ocupado militarmente pela França com consequências graves. Os movimentos de resistências nascem primeiro, em torno à brusca mudança econômica que dificultava muito a continuidade do comércio transsaariano. Para estes era um golpe para seu modo de mobilidade: mobilidade pastoral devido ao controle dos deslocamentos, a mobilidade política (que era baseada na confrontação das federações - unidades políticas tamacheque – dentro de uma confrontação de poderes políticos e de guerra), a mobilidade da riqueza devido aos impostos, a mobilidade das trocas que se transformam com a presença e controle francês e, finalmente, a mobilidade das negociações políticas. Esta submissão e restrição às suas formas de mobilidade são formas de violência política e, também, um motor das ações contra o poder colonial. Esta situação não se alteraria com as independências do Mali e Níger e, inúmeras revoltas e rebeliões surgiram seguidas de repressão e inúmeros exilados.

A etapa final da conquista da Argélia pela França corresponde à conquista dos territórios ao sul, concluída em dezembro de 1902, após a batalha de Tit, pelo tratado de submissão da confederação liderada por Kel Ahaggar do Saara. Foram estabelecidos os Territórios do Sul ainda em 1902 os quais seriam então, vinculados à Argélia e anexados à França, no sete de agosto de 1957 pela criação de dois departamentos do Saara (Saouira a oeste e Oasis a leste). Compreende-se, assim a importância da Argélia e a ocupação do Saara com a criação do Saara francês como momento fundamental da história contemporânea tamacheque. Estes se organizavam por confederações tendo cada um seu próprio *ettabel* (tambor) e um *Amenokal* (plural *Imenokalan*). Mas, a resistência continuaria; os Kel Tamacheque foram os últimos, na África do Oeste, a serem submetidos militarmente, pelos franceses.

Na região de Timbuctu, por exemplo, os chefes da comunidade Kel Ansar ou Kel Insar ou Kel Antessar- espaço compreendido entre a fronteira da Mauritânia atual até a zona de

Bourem, na região de Gao, e a fronteira da Argélia em In Khalil - Mohamed Ahmed Ansari conhecido como Ingonna, Doua-Doua Ansari, Mohamed Ali Ag Doua Doua Ansari e Mohamed Ali Ag Attaher Ansari marcaram a história do Saara Central por seus feitos militares e visão política. Os Kel Ansar eram além de guerreiros, grandes letrados, marabus e intelectuais.

Após a morte do grande líder de Kel Ansar Ingonna em 1898, a confederação se deslocou, um novo poder foi introduzido pelos colonizadores franceses, o qual não respeitaram critérios para a eleição de Amenokal. A colonização francesa marcaria, por conseguinte, seu declínio político, militar e econômico. Mohamed Ali Ag Attaher buscou recuperar por meio de estratégias políticas contra a intensificação da fragmentação e pela formação de quadros Kel Tamacheque. Ele foi forçado ao exílio no Marrocos, onde morreu em 1994. A diáspora Kel Ansar levou constituição de comunidades de exilados do Mali, vivendo principalmente na Argélia, Arábia Saudita e Líbia, mas, também, no Níger, Mauritânia e Marrocos.

Em 1903 viria o controle político e militar dos Kel Tamacheque Iwlliminden (liderados pelo *aménokal* Firhoun) e dos Ifoghas. Entretanto, cabe salientar a divisão interna alimentada pela França e que Moussa Ag Amastane, o *aménokaldo* Hoggar, permanecia aliado ao colonizador desde a derrota de sua confederação em 1902 na batalha de tit. Em 16 de abril de 1904 a missão Joalland-Meynier e a missão Foureau-Lamy buscavam fixar as fronteiras entre Argélia e Sudão francês e Níger (duas colônias da África ocidental francesa) marcando o início do Saara Central e Oriental (entre o lugar do encontro entre coronel Laperrine e o capitão Théveniaut no poço de Timiaouine e o de Ouzel situado a noroeste). Após a batalha de Ti (1902, diversas missões realizaram expedições e reconhecimento do território, buscando pacificar a região: Guillo-Lohan (1902); Besset et Laperrine (1903); Laperrine (1904); Lieutenant Voinot (1905-1906) no Hoggar; Hoggar e Aïr, Capitão Dinaux (1905); Lieutenant Mussel (1905) em Ahnet; Lieutenant Cannac (1906) em Tassili; Iférouane Lieutenant Clor (outubro 1906); Agadès lieutenant Clor (1906); Touchard à Temassint (1906-1907).

As zonas de influência do governo geral da África Ocidental Francesa (AOF)<sup>5</sup> e possessões francesas no norte da África foram estabelecidas por acordo em sete de junho de 1905, em Paris, entre Ministérios do Interior passado e das colônias. O limite foi definido por uma linha imaginária entre Cabo Nun no sul de Marrocos, em direção a Tin Zaouaten passando por In Ouzel no Norte e Timiaouine ao sul e inscrevendo-se na direção de Mourzouk.<sup>6</sup>

Na região de Aïr, Kawsan, o líder de Ikazkazen do Aïr conduziu entre 1916 e 1918 uma

---

<sup>5</sup> África Ocidental Francesa: federação formada entre 1895 e 1958 de oito territórios franceses correspondendo a: Mauritânia, Senegal, Sudão Francês (atual Mali), Guiné, Costa do Marfim, Níger, Alto Volta (atual Burkina Faso) e Daomé (atual Benin).

<sup>6</sup> Le Sahara et limafoxromeo, on line, Historique des Compagnies Méharistes : <http://sitelimafox.free.fr/HistoCM/HSTDM.htm>

revolta geral dos Kel Tamacheque contra a colonização francesa para o qual mobilizou uma rede de relações sociais, comerciais e políticas. O episódio foi estudado por diversos autores que consideram (BOURGEOT, 1979; CASAJUS, 1990; TRIAUD, 1999; Hawad, 1990; Hélène Claudot-Hawad, 1990, 2001). Afirmo Hélène Claudot-Hawad (2005) que o movimento Ichúmar (*Ishumar*) é um herdeiro simbólico e, também, das estratégias de luta de guerrilha da luta armada (contrário aos códigos de honra das práticas históricas de luta tamacheque) por autonomia e investimento no desenvolvimento (de 1963 a 2010) ou independência (em 2012).

### **Mohamed Ali Ag Attaher Al-Ansari, cultura e educação na resistência tamacheque**

A escolarização dos Tamacheque é muito baixa desde o período colonial até nossos dias. A falta de estudo formal tem sido percebida pelo movimento *Ichúmar* como uma fonte de marginalização da colônia ao pós-independência. Lembrando que suas perspectivas econômicas foram bloqueadas pelo cerceamento de sua mobilidade no Saara e pela fragmentação em Estados e regiões administrativas diferentes. Estes fatores colaboram para a emergência de crise da pastorícia e do comércio através do Saara. É importante ressaltar que antes da ocupação colonial francesa, os Kel Tamacheque formavam uma única *tumast*, isto é, uma nação segundo *Amenokal* Mohamed Ali Ag Attaher al-Ansari (amenokal ou líder da resistência anticolonial que viveu exilado no Marrocos onde faleceu em 1994) que enfatizava ainda que a *tumast* dos Kel Tamacheque não se confundia nem com os Impérios do Mali, Sonrhã, Mossi, Haussa/Zerma, nem com o Reino Marroquino. Ag Attaher desenvolveu uma luta intensa para levar as crianças tamacheque à escola ainda no período colonial. Sua insistência terminou por leva-lo ao exílio, morreu no Marrocos sem nunca ter regressado à Timbuctu do Mali independente.

A *Canção Chagha t* (álbum: Akal, ou seja, país) do grupo *Atri N'Assouf*, gravada em Tamanrasset em 2010. Ela é interpretada pelo líder do grupo Hassou com participação de Abadallah de Tinariwen e de Disco do grupo Tartite. Nela, os artistas chamam a atenção da comunidade tamacheque para a importância de estudos:

Não deixem que nossas crianças vaguem sozinhas pelas ruas sem instrução e sem saber,  
pois vocês têm boas escolas  
Islâmicas, laicas ou religiosas!  
Não deixem que nossas crianças vaguem sozinhas pelas ruas sem instrução e sem saber  
Qualquer que seja sua escolha,  
ela só poderá ser benéfica!  
Os líderes do nosso mundo,  
todos começaram na escola, nenhum deles é analfabeto!  
Não permitam que nossos jovens  
deixem seu país sem conhecer sua língua e sua cultura  
Não deixem que nossas crianças vaguem sozinhas pelas ruas sem instrução e sem saber

[palavras recitas por Fadimata Disco: em nome de Deus eu suplico meus irmãos e



irmãs: estudem para que o analfabetismo que nos deixou atrás de todos, para que nos separemos da ignorância para sempre, a ignorância devemos deixar na ruínas para onde nunca mais retornaremos]<sup>74</sup>

Não digam que é um insulto quando dizemos que os mais velhos que não estudaram, impedem as crianças de estudar (*War djanedtiboudarmadjudnetadj*), afirmam Tinariwen em *tiboudar*.

### Resistência política no Níger: Mano Dayak, um intelectual da diáspora

Obter o reconhecimento coletivo da comunidade em termos de integração económica e mobilização política soma-se à mobilização por direitos. Estes fatores têm sido fontes importantes de inspiração para a composição de canções políticas. Encontra-se nestes anos de exílio, os princípios de *temust*<sup>8</sup> (nação) atual, noção forte nascidos dos movimentos políticos e da luta armada. É Mano Dayak – personagem fundamental da luta na cena política do Níger que a diáspora tomou como símbolo ao mesmo tempo político e cultural da “targuidade”. Vimos seu nome ser evocado em canções como em Mano Dayak de Tinariwen:

Eu, um dia eu fui um habitante do deserto,  
estou acostumado a viver as tempestades de areia. Conheço o repouso sob as árvores  
Ana e Tajart. Nunca vi muitas árvores juntas, formando uma floresta.  
Minha terra é Tamasna com seus espaços nus e desabitados. Nela não existem pastagens  
para as vacas ou cabras.  
E uma terra para que as camelas vivam com seus filhotes.

Este deserto que fica ao norte de Bouss  
Um deserto que totalmente branco e nu  
Sem árvores nem agitações  
Sempre quente quando os homens trabalham.  
Só agora eu sei o que me faz feliz: um tuaregue vivendo simplesmente.  
Pode expressar sua visão de mundo graça ao telefone satélite sobre a árvore onde se  
repousamos brotos que caem ao seu redor. Tudo isso foi ManoDayak quem fez.

[Nakibdaoutanééizzayantamadhaltazzayaghekallidawana ad  
tadjartwarazzeyaghihakshanawadhntafarawt  
Ténérétanafalla e boussténééréghassmallattaqqisswar-  
henhashkanwalaseccousss'astattadjanmeddantakouss

Ekatnanhayahiidjrazzanoutamashaqghassidaranharassewaldaghjihaztanwarninahakshikl  
adawsanratakabsittanohazzan Manou Dayakhassitadjan]

A canção é caracterizada pela emoção e evocação do lugar o pertencimento, a relação profunda com o território vasto e com o deserto que emerge como território comum a todos os Kel Tamacheque. Dayak em "Je Suis Né Avec Du Sable Dans Les Yeux " (1999 :232) afirma: o

<sup>7</sup> Ver vídeo Chaghat (crianças) de Atri N'Assouf (álbum AKAL) em [www.youtube.com/watch?v=XDVqMWvLoDo&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=XDVqMWvLoDo&feature=related)

<sup>8</sup>*Temuste tumast* possuem o mesmo significado, são variações regionais: os Kel Tamacheque do Mali (Azawad) dizem *tumast* e os do Níger (Air e Azawagh), pronunciam *temust*.



A Rússia fornecia o ferro inflamado  
Minhas irmãs foram perseguidas sem piedade  
“Eu não posso vendê-las por preço nenhum”  
63 se foi  
Mas vai voltar

Hinwarjincheghwalatillan  
63 dja  
Hountalkamdjiishilanelantimtar

Ibrahim estava certo de 1963 iria retornar, e retornou, muitas vezes até 2012, ano em que o Mali se viu dividido em dois territórios com a proclamação da independência do território da Azawad, pelos membros do Movimento Nacional de Liberação da Azawad - MNLA. Ali um novo ciclo de eventos complexos e dolorosos tiveram lugar. O recente acordo de paz com o Governo do Mali ainda está aberto e não assegura as reivindicações históricas Kel Tamacheque, nem possui apoio da população do sul. Após quatro anos de guerra, a paz não voltou realmente. Assim, as populações da Azawad (norte do Mali) encontram em situação de refúgio (Burquina Faso, Mauritânia, Níger, Argélia), deslocadas internamente, exiladas (Marrocos sobretudo) ou, vivendo sob ameaças constantes tanto do que resta incontrolado, pelos efeitos de anos de conflito e clivagens novas e antigas, como pelo histórico descaso diante da crise ambiental e ausência de investimento na região (grande motivação das revoltas sucessivas) mesmo para dar acesso à água que é condição essencial da vida.

Mas, antes que 63 voltasse duas terríveis de secas trouxeram mais fome ao deserto do Saara, agravada pelo descaso ou ineficiência das ações governamentais: em meados dos anos setenta e oitenta. Desesperados inúmeros Kel Tamacheque andaram longas milhas para chegar à Argélia e, depois, à Líbia, onde esperavam poder trabalhar. No exílio a resistência tamacheque seria reelaborada e o movimento os Ichúmar (Techúmara) emergiu, sendo que sua dimensão artística e cultural ganharia maturidade e força e capacidade de contribuir para a coesão interna na década de 1980.

As representações construídas pela diáspora evocam a figura do resistente e do soldado em “Onde estão vocês?” (“Ayitma Madjam”) do grupo Tamikrest traz canto forte de uma nova geração em que música é luta:

Onde estão vocês meus irmãos?  
Onde estão vocês meus irmãos?

Reclamemos de uma vez por todas, todos os nossos sonhos  
Para alcançar nossos objetivos

Homens (irmãos), por que (apenas) assistem e por que esta paciência? Tantos problemas  
que continuam a crescer.

Nós vemos nossas irmãs suportar muita miséria  
Nunca perdem a esperança, apesar da opressão.

Nossa terra está dividida, outros países foram fundados sobre ela. Fronteiras foram traçadas

Meu povo está dividido, marginalizado.  
Tornou-se estrangeiro em seu território.

Saibam que ele foi privado e não tem mais nenhuma autoridade.

Outro poeta e membro de Tinariwen, Mohamed Ag Itlale - conhecido como Japonês - escreveu uma canção sobre os anos na Líbia: "Ahimana" (Oh minha alma):

Mãe querida, desde o momento em que saí para a Líbia com passos paciente

Eu cheguei, mas eu venho sentindo sem rumo  
Eu procuro o dinheiro que eu preciso de qualquer maneira possível

Mas ele se recusa a se acumular.

### **Nostalgia e solidão nas canções de exílio**

Do exílio nascem as canções de nostalgia (*issuf*), temática recorrente e intensa, como na canção do Album Tassili, Assuf D'Alwa (nostalgia e solidão)

Oh! Saudade, solidão e desespero!  
Eu sou um prisioneiro do tempo  
É em tempos difíceis que nós compartilhamos a dor  
Quando compartilhamos uma xícara de chá  
Amor mágico que eu levo àquele rosto radiante  
Alivia minha solidão e minha melancolia  
Eu passo de amigo em amigo,  
a fumaça me fala,  
Meus pensamentos me contam histórias.

[Asuf d alwameghtisseren  
S el waqgenheghanukmammenTalghiwenassohatnen  
Itadjasemmananneghabintlissahidtarha n asser  
Ism n enshorillanenorTillalaghimidiwanadokhan  
Adiwaninnoyyainezgamdjantinfusen]

Em Tameyawt (nome de uma vila na fronteira entre Mali e Argélia). Também. é dor e saudade que soam nos acordes da canção:

Como sinto falta Tameyawt!  
De suas paredes de adobe  
A aldeia novamente verde

E das pedras de sua montanha, lisas e longas  
Minha terra é Timyawin

Timetren e até a outra encosta da montanha  
Meu país é Afara  
E os poços de Assamal e de Assawa  
Eu vou subir a montanha de Tarawant  
Lá em cima vou sacrificar uma cabra bonita

Vou gritar de alegria que será ouvido

por todo o caminho até Tessalit.

[Tamadroyttamayawtedeynes wan tallaq  
Eqqaltafarawtadaghnestassalat

Nakakal in TimyawintimtaghentedjedawinNakakal in Afara d Assamalmal d  
AssawaAddawanaghTarawantneghres fell as tadawalt  
Ad andowaghtegherit har as tisset[Tessalit]

Os jovens Ichúmars preservavam os laços com suas famílias e as responsabilidades face às suas comunidades, mantendo-se como fontes de recursos econômicos mesmo enfrentando precárias condições de trabalho. A distância reduz aos poucos as hierarquias sociais entre eles no processo de migração em que se confronta com outras referências culturais, árabe e ocidental. Eles desenvolvem novas formas de solidariedade independente dos laços de linhagem e criam redes de comunicação entre grupos da diáspora. Esses fatores gradualmente produzem uma identidade que reivindica especificidades. “Nossas primeiras fitas-cassetes eram cartas enviadas para o nosso povo. Nós usamos a música para evocar a solidariedade, a preservação de nossa cultura”, disse Eyadou Ag Leche, do grupo Tinariwen, na entrevista feita por François-Xavier Gomez (2012).

O impacto da migração e da experiência comum no exílio viu diminuir a identificação das federações políticas tamacheque (tais como: Kel Adagh Mali, Kel Gress no Níger, etc) para dar lugar a um crescente sentimento de unidade o que pode ser observado em diversas canções de Intiyaden Ag Ablil, artista que formou com Ibrahim Abraybone e Alhassan Ag Touhami o grupo Tinariwen. Seus membros eram originários de Tessalit, um oásis no deserto do Saara no norte do Mali. Os três amigos compartilhavam um violão acústico até que o grupo "*lesvoixduhoggar*" deu a eles uma primeira guitarra elétrica. Depois do exílio na Argélia, Ibrahim, Intayeden, Alhassan encontram Alhousseini Ag Abdoulahi, Kedhou ag Ossad, Mohammed nos campos de treinamento na Líbia e, assim, o grupo ganhava novos membros. Todos voltaram ao Mali no momento da rebelião de 1990 e integram o Movimento Popular da Azawad, liderado por Iyad Ag Ghali. Teria sido Iyad que teria ajudado a financiar a compra de instrumentos musicais.

Após a assinatura do Pacto Nacional em 1992 em Tamanrasset, e o retorno da paz, o grupo passou a se dedicar à divulgação da cultura tamacheque por meio de sua música e letras. Assim, os membros do grupo que participaram da rebelião foram trocando as armas por instrumentos musicais, a luta armada pela luta cultural.

No início dos anos 1990 o termo *achaamor* (singular de *Ichúmar*) passou a se referir igualmente a formas de exclusão do ensino formal vivido no meio tamacheque tanto no Mali como no Níger. O tema da escola, do estudo como necessidade e como fragilidade diante da

emergência do Estado do Mali tem sido recorrente em suas músicas. A escolarização dos Kel Tamacheque é ainda muito inferior a de outros povos que compartilham o território do Mali e do Níger. Essa diferença tem origem no período colonial, na política francesa e do Mali e Níger assim como na desconfiança da sociedade tamacheque diante da escola colonial.

A arte constitui um vetor privilegiado da *palavra da rebelião* e que o *corpus* formado pelas canções forma conjunto de textos literários de grande valor histórico, cultural e artístico. Ela cobre a luta política com uma dimensão de luta pacífica focada nas mudanças e na criação em que a música ocupa um lugar de destaque. Ressalto que identidade coletiva para os Kel Tamacheque é fortemente baseada na língua e que a disseminação da cultura de resistência e da sua gradual transformação em cultura da sociedade tamacheque está vinculada, em grande parte, à música e do movimento Techúmara.

Desde o início de 1980, as fitas de áudio das primeiras canções foram um enorme sucesso. As mensagens são de mensagens simples e claras permitindo à nação tamacheque - enquanto nação sociológica e cultural que não se confunde segundo Otto Bauer com a noção de “Estado (BAUER, 1987, p. 196) – ouvir anunciar por seus jovens que outro modo de ver o próprio mundo tamacheque estava chegando. Hoje, novos grupos circulam continuamente, intensa mobilidade para a Europa e para os Estados Unidos.

No entanto, os músicos tamacheque inserem-se na concepção de resistência e de mobilização. Trata-se de promover uma atitude face ao mundo que transforme a cultura em forma de resistência. Essa linguagem de paz pode dar, entretanto, lugar à luta pelas armas. Entendo que poderíamos falar de uma resistência criativa, esperançosa com quer Célestin Mongá, mas nem sempre pacífica. Ela está pronta para explodir em violência e fazer uso de armas, particularmente, por aqueles os que conheceram a repressão do estado.

No texto da canção *Amidinine (moncompagnon, mon ami)* de Terakaft do Mali, hino do movimento, evoca-se a união para permitir a luta e para superar o sofrimento, descobrindo ou retirando o que estava velado:

*Meu companheiro com quem partilhei lembranças e sofrimentos. Lembre-te de nossas descobertas e do que juntos vivemos!*

*Juntos descobriremos o que o mundo esconde.*

*Diga aos outros para, com seus rosários, recitar e para rezar. Saiba que desta vez, viveremos o que tocou a nós*

*Juntos, resistirás a cada conflito (de disputa)*

*[Amidinie w adarnohartimtartindindaghfalnozhar*

*Alakehafaktoudlafkar n-awanahayd-awanohar*

*Addounia i-daghkoulataffarafalnadewatidnafkar*

*Anyaddouniaaghratsewdhamghamtoumadamlamissedhnan.*

*Almad s-teneydidjadoghannaddew d-awa did odhan.*

*Kala tila nazzaghalbarnahinaramatnassessbar]*

Tinariwen, o grupo mais conhecido e difundido, ganhou o melhor álbum de World Music Grammy em 2012. Um de seus fundadores Ibrahim Ag Alhabib testemunhou aos quatro anos de idade a execução de seu pai, após a insurreição de 1963 em Kidal, no Mali. Eles começaram com músicas de protesto que ream, na época, gravadas e distribuídas livremente a todos que lhes desse uma fita virgem. Tinariwen produziu canções com referências diretas a rebeliões anteriores e à luta: "Mano Dayak", em homenagem ao líder e a emblemática "Sessenta e três", na qual canta a rebelião, cuja repressão que marcou profundamente a vida KelTamacheque desde o processo da descolonização.

O colonialismo - entendido como um conceito que vai além da história do colonialismo histórico - deixou seus traços nas práticas sociais contemporâneas. As dominações coloniais e pós-coloniais conhecem diferenciações importantes na história tamacheque quando passa da ocupação francesa para o controle das sociedades do sul, em 1960. Assim, para entender a opressão pós-colonial, é preciso construir entendimentos específicos no bojo da vida cotidiana e das suas expressões estéticas. Além disso, é necessário analisar a história das relações entre as culturas e as sociedades que foram incluídas nos limites do Estado-Nação em África. O historiador de Camarões, Achille Mbembe, questionou a descolonização em África e tem aberto o debate sobre uma epistemologia da África e não sobre África, ele convida ao entendimento de África fora da noção de ausência, de falta. Para Achille Mbembe como para Célestin Monga, a questão pós-colonial implica num questionamento em que a crítica ao colonizador europeu não é suficiente, pois se encontram no centro de seus questionamentos as relações de opressão e de violência que se erguem, também, no bojo das relações entre sociedades e povos africanos.

A colonialidade se desdobra dentro de uma ideologia desumanizante que, em muitos casos, faz com que a revolta dos colonizados sejam sistematicamente seguidas por repressão sangrenta. A pos-colonialidade é, então, um mundo onde o sagrado e a profanação seguem lado a lado e onde a "obscenidade" atinge somente a plebe. Neste mundo, o sentido é banalizado. Governantes em seu afã de sacralizações podem solenizar e formalizar os fatos mais triviais e os impor a seus governados. Na esfera econômica, as lacunas em Estados em falência têm sido expostas. As desigualdades gritantes servem de justificção para golpes de Estado que não alteram a situação uma vez no poder. A África também deve fazer face ao aumento da desigualdade. Achille Mbembe e Célestin Monga interrogam a África contemporânea e questionam as responsabilidades das elites. Nesse sentido esses autores abrem para mim um horizonte importante de interlocução.

Para concluir, em uma "abordagem de baixo para cima" (BAYART, MBEMBE, TOULABOR, 1992; THOMPSON, 2001), a música Ichúmar permanece voz tamacheque. É preciso dizer que ela é uma expressão contemporânea e uma resposta de uma cultura diante de

uma política de Estado que a "nega" e marginaliza. Mas, ela é, igualmente, demonstração de desejo de mudança da juventude a partir da experiência de coabitação com outras culturas e estilos musicais e, da vontade política de transformar relações de poder arraigadas. Ela é, talvez, um espaço de diferenciação que permite mudança, trocas e criação.

Esta forma de resistência busca o apoio de outras sociedades, especialmente na Europa, para valorizar sua rica cultura e legitimar seu modo de vida nômade em um mundo em que a mulher guarda um lugar central na vida política e comunitária. Monga (MONGA, 2010), em *Niilismo e Negritude*, adota uma perspectiva instigante partindo da noção de niilismo que é um dos fios que conduz a reflexão. Para ele, a esperança na África está por um lado viva e pulsante e por outro, confinada. Assim, ele a considera sua “verdadeira riqueza, mas se trata de uma esperança niilista, confinada”, afirma. A questão fundamental de Célestin Monga parece ser a de desenvolver uma estratégia de gestão de seus saberes num mundo “globalizado”. Trata-se de se organizar para participar ativamente das trocas intelectuais, culturais e econômicas, renovar constantemente sua criatividade preservando seus interesses.

Neste sentido, tanto Monga (2010) como Irobi (2012) chamam para a importância da arte e como forma de expressão da resistência cultural e de luta pela memória histórica. Irobi fala da escrita performática e afirma que a “dança é concebida como o principal meio para codificar a percepção do nosso mundo interior e exterior, nosso mundo transcendente, nossa história espiritual; a memória em sua complexidade histórica” (IROBI, 2012, p. 273).

A imagem de homens com véu e as mulheres livres é frequentemente colocada em evidência. O movimento *Ichúmar* religa os jovens, os homens, as mulheres de diferentes gerações desde a independência do Mali e do Níger. Sua luta e sua música permitem observar o esforço de uma elaboração contemporânea da *tumast* (nação), no qual o deserto é um ponto de referência organizador a *tamurt*, ou seja, o pertencimento (CLAUDOT-HAWAD, 2001, p. 16-17). Acentua-se, assim, a dimensão da afinidade cultural e designando pessoas de mesma cultura, língua e mito fundador. Sem sua compreensão pelo Estado-Nação, a paz tem permanecido incerta e instável.

As importantes transformações musicais são para Claudot-Hawad (1989, p.66) tecidas no interior de uma cultura de resistência nômade. A autora realça o exemplo do gênero musical *ilegwan* (chicote), que surgiu após as independências dos Estados africanos, satirizando as expressões de adesão aos modelos culturais externos. Assim, *ilegwan* pode ser compreendido como forma simbólica de recusa frente a uma nova ordem política, econômica e social em que os modos de vida nômades não contam realmente. Contudo, essa atitude de negação reativa transformou-se, muitas vezes, em formas criativas de inovação. Um exemplo é o movimento de



revitalização e ampliação dos campos e usos da escrita tamacheque, *tifinar*, e o movimento *salvar oImzad*.

O século XXI está assistindo a manifestações importantes que exigem uma revisão política e teórica por parte dos estudiosos, exige superar a oposição entre reconhecimento das identidades e democracia. As formações sociais chamadas de *comunidade* não aceitam mais serem consideradas como expressão do arcaísmo. Os itinerários da música da Techúmara, sobretudo após 1990, iniciou um processo em que buscam instaurar, em outra espacialidade, a continuidade tamacheque. Continuidade que, mais uma vez, deverá ser reelaborada e se reinterpretar, incluindo suas diásporas de décadas de exílios e deslocamentos uma vez que a mudança é parte do movimento da história, mas ela precisa se fazer, contudo, romper as ancoragens territoriais e culturais.

Em diversas regiões em África, os processos pós-coloniais criaram situações de combate às expressões culturais, sobretudo quando não pertencentes às origens das elites dominantes, elas têm sido consideradas como opostas à construção do Estado-Nação nos parâmetros euro-ocidentais. Na esfera econômica, as lacunas em Estados em falência e o aumento das desigualdades, têm sido igualmente expostos. Tais desigualdades gritantes servem de justificação para golpes de Estado, mas a situação não se altera com a mudança dos grupos no poder. Neste mundo, as línguas, as racionalidades, os sentidos, têm sido fortemente banalizados. Contudo, muitos governantes têm se mostrado cada vez mais incapazes de conviver e coabitar com diferenças e, sobretudo, com divergências, levando à banalização da violência. Finalizamos com Mbembe (2010) quando ressalta que a assinatura africana é, sobretudo, a multiplicidade: de formas de vida, de lógicas institucionais, de racionalidades econômicas e culturais.

## REFERENCIAS

BAYART, J.-F. ; Mbembe, A.; Toulabor, C. **Le politique par le bas en Afrique noire: contributions à une problématique de la démocratie**. Paris: Karthala, 1992.

BELALIMAT, Nadia. La guitare des *ishumar*. Émergence, circulations et évolutions. **Volume ! La revue des musiques populaires**. Vol. 6, n. 1-2, 2008. Disponível em: <http://volume.revues.org/268>. Acesso em 11/10/2017.

BOILLEY, P. **Les Touaregs Kel Adagh. Dépendances et révoltes: du Soudan français au Mali contemporain**. Paris: Karthala, coll. Hommes et sociétés, 1999.

BOURGEOT, A. Les échanges transsahariens, la Senusiya et les révoltes twareg de 1916-1917. **Cahiers d'Etudes Africaines**, n. 69-70, p.159-185, 1979.

CASAJUS, A. Islam et noblesse chez les Touaregs. **L'Homme**, vol. 30, n. 3, p. 7-30, 1990.

CLAUDOT-HAWAD, H. Les Touaregs ou la résistance d'une culture nomade. **Revue du monde**

**musulman et de la Méditerranée**, 51, p. 63-73, 1989. Disponível em [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/remmm\\_09971327\\_1989\\_num\\_51\\_1\\_2269](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/remmm_09971327_1989_num_51_1_2269). Acesso em 28/09/2017.

CLAUDOT-HAWAD H. Honneur et politique. Les choix stratégiques des Touaregs pendant la colonisation française. *REMMM*, Édisud, n. 57, p.11-47, 1990.

CLAUDOT-HAWAD H., **Éperonner le monde. Nomadisme, cosmos et politique chez les Touaregs**. Aix-en-Provence : Édisud, 2001.

CLAUDOT-HAWAD H. Kawsan. In:**Encyclopédie berbère**, 27 Kairouan - Kifan Bel-Ghomari, 2005. [online]. Disponível em : <http://encyclopedieberbere.revues.org/1316>. Acesso em 11/10/2017.

FUGLESTADT F. “Les révoltes des Touaregs du Niger 1916-1917”, **Cahiers d'Etudes Africaines**. n.49, p. 82-120, 1973.

GOMEZ, F.-X. “Tinariwen, branché désert”. Entretien avec Ag Leche, E.**Libération**, 2/04/2012. Disponível em <http://next.liberation.fr/culture/01012399782-tinariwen-branche-desert> Acesso em 23/10/2017

HAMDAN, M. A. “Mahmoud Darwishe's Voicing Poetics of Resistance: A Receptionist Review”, *International Journal of Humanities and Social Science* [online], v. 6, n. 10, p.171-175, Out. 2016. Disponível em [http://www.ijhssnet.com/journals/Vol\\_6\\_No\\_10\\_October\\_2016/25.pdf](http://www.ijhssnet.com/journals/Vol_6_No_10_October_2016/25.pdf) Acesso em 10/06/2018.

HAWAD, M. La teshumara, antidote de l'État. *REMMM*, vol. 57, Édisud, 123-140, 1990.

HARLOW, B. **Resistance Literature**. New York: Methuen, 1987.

KIMBA, I. Les Révoltes Paysannes et Anticoloniales Dans L'Ouest du Niger, 1905-1906. **Paideuma**, v. 40, p. 173 - 213, 1994.

IROBI, E. “O que eles trouxeram consigo: o Carnaval e a Persistência da Performance Estética Africana na Diáspora”. **Projeto História**, p. 273 - 294, 2012.

KORMIKIARI, M.C. Grupos indígenas berberes na Antigüidade: a documentação textual e epigráfica. **Revista de História** - USP, São Paulo, v. 145, p. 9 - 60, 2001,

KORMIKIARI, M.C. Norte da África na antiguidade: os reis berberes nômades e suas iconografias monetárias. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 17, p. 251-292, 2007.

LECOCQ, B. **Disputed Desert: Decolonisation, Competing Nationalisms and Tuareg Rebellions in Northern Mali**. Leiden: Brill, 2010.

MONGA, C. **Nilismo e Negritude**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

POULTON, R-E. ; AG YOUSOUF, Ibrahim ; SECK, Jacqueline. **Collaboration internationale et construction de la paix en Afrique de l'Ouest : l'exemple du Mali**. Geneva: UNIDIR, 1998.

MORAES FARIAS, P.F de. Local landscapes and constructions of world space: medieval inscriptions, cognitive dissonance, and the course of the Niger. **Afriques** [online], v.2, 2010. Disponível em <http://afriques.revues.org/896>. Acesso em 10/7/2015.

NEUMANN, A. La résistance, un principe sociologique à l'œuvre. **Variations** [online], v. 16, 2012. Disponível em: <http://variations.revues.org/141>. Acesso em 20/03/2018.

QUIJANO, A. **Colonialité du Pouvoir et Democratie en Amerique Latine. Future Anterieur: Amérique Latine, Democratie et Exclusion**. Paris : L'Harmattan, 1994.

QUIJANO, A. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos Avançados**, IEA/USP, v. 19, n.55, p. 9-31, 2005.

THOMPSON, E. P. A História Vista de Baixo. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. São Paulo: UNICAMP, 2001, p.185-201.

TRIAUD J.-L. **La légende noire de la Sanûsiyya. Une confrérie musulmane saharienne sous le regard français (1840-1930)**. Paris : MSH 2 vols., 1995.

TRIAUD J.-L. Kawsan: analyse d'un discours politique (1916-17). In : Poncet Yveline (ed.). **Les temps du Sahel: en hommage à Edmond Bernus**. Paris : IRD, 1999, p. 149-172.

---

**Mahfouz Ag Adnane**

Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pesquisador da Casa das Áfricas, núcleo Amanar e do CECAFRO-PUC/SP. Contato: [tidjefene@gmail.com](mailto:tidjefene@gmail.com)

---